

18°REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



AGROECOLOGIA, TRABALHO E MULHERES: Um olhar a partir da Economia Feminista

Maitê Maronhas*
Vanessa Schottz**
Elisabeth Cardoso***

RESUMO

O artigo se dispõe a refletir sobre as conexões entre a Agroecologia e o trabalho das mulheres sob uma perspectiva feminista e a partir de uma análise do empoderamento e autonomia. A análise se embasa nas experiências relatadas na sistematização de experiências de mulheres agricultoras do Nordeste, Sudeste e Sul. A escolha deste tema pelas autoras se dá pela reconhecida importância do trabalho produtivo e reprodutivo realizado pelas mulheres nos sistemas agroalimentares, pela sua relevância para a segurança alimentar e nutricional das famílias e comunidades e para o desenvolvimento da agroecologia, uma vez que a posição social que as mulheres ocupam propicia um olhar sensível a questões latentes no cerne da Agroecologia, porém é inadequado naturalizar este olhar como feminino, pois ele é produto de relações sociais de sexo construídas entre mulheres e homens em uma sociedade patriarcal e capitalista. Por outro lado, a análise do tema se mostra pertinente devido à invisibilidade do trabalho das mulheres, o que acarreta uma sobrecarga que é vivenciada por muitas e uma recorrente ausência de divisão do trabalho doméstico com outros membros da família. Para essa reflexão é necessário considerar que tarefas de trabalho produtivo e reprodutivo são realizados em espaços e tempos algumas vezes muito próximos, senão os mesmos. Estes guardam uma relação bastante íntima que não deve ser ignorada. Por fim, avalia-se a importância da agroecologia para a vida das mulheres, ou seja, se processos de transição agroecológica tem sido capazes de proporcionar empoderamento e fortalecer a autonomia das mulheres envolvidas.

Palavras-chaves: agroecologia. Feminismo. Trabalho.

*Engenheira Agrícola e Ambiental pela Universidade Federal de Viçosa, discente do I Curso de Especialização em Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas, assessora da Articulação Semiarido Brasileiro – e-mail: maronhas@gmail.com

**Mestre em saúde pública pela ENSP/Fiocruz, Professora Assistente do curso de Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ Macaé e membro do GT Mulheres da ANA – e-mail: vanessaschottz32@gmail.com

***Engenheira Agrônoma, integra a equipe técnica do Centro de Tecnologias alternativas da Zona da Mata de Minas e Gerais e membro do GT Mulheres da ANA – e-mail: beth@ctazm.org.br



INTRODUÇÃO

Este artigo se dispõe a refletir sobre as conexões entre a Agroecologia e o trabalho realizado pelas mulheres em agroecossistemas sob uma perspectiva feminista e a partir de uma análise do empoderamento e autonomia. Os relatos de experiências de mulheres agricultoras Nordeste, Sudeste e Sul e das cinco oficinas de intercâmbio e sistematização realizadas nessas regiões foram tomadas como referências para a análise.

A sistematização de experiências agroecológicas protagonizadas por mulheres¹, foi coordenada pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia – GT Mulheres da ANA² em parceria com diversas redes, organizações e movimentos mistos e feministas de cada região³. Desde sua criação, em 2004, o GT vem produzindo reflexões sobre as interfaces entre o feminismo e a agroecologia enquanto teorias críticas e movimentos sociais que colocam a sustentabilidade da vida no centro do debate político e das suas práticas.

Em geral, as sistematizações de experiências no campo agroecológico, destacam o papel da família, sem problematizar as relações de poder e os papéis desenvolvidos pelos diversos membros, contribuindo para tornar ainda mais invisível o trabalho das mulheres. Temas como a divisão sexual do trabalho, o planejamento produtivo, a autonomia política e econômica das mulheres acaba por não serem abordados. Nesse contexto, o intercâmbio e a sistematização de experiências protagonizadas por mulheres se configuraram em estratégias voltadas para a visibilização e valorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres na agroecologia e aprimoramento da sua capacidade em refletir sobre suas próprias experiências (CARDOSO & SCHOTTZ, 2010, p.13).

¹ O projeto Intercâmbio e Sistematização de Experiências Agroecológicas protagonizadas por Mulheres, é fruto de uma parceria entre o GT Mulheres da ANA, a ActionAid Brasil e a Heifer. O processo, realizado entre 2008 e 2012, envolveu um conjunto amplo de organizações e movimentos sociais e resultou na sistematização de 23 experiências da região Nordeste e duas da região Sudeste, 15 na região sul e 16 na Amazônia de mulheres agricultoras, camponesas, agroextrativistas, quilombolas, quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhas, entre outras.

² Formado por mais de duzentas organizações e movimentos mistos e feministas, o GT Mulheres da ANA tem como objetivos organizar a ação das mulheres na ANA e definir estratégias de construção de políticas públicas a partir do fortalecimento das experiências das mulheres no campo agroecológico, nos diferentes contextos sócio-ambientais do país.

³ Região Nordeste: GT Mulheres de Pernambuco; Sul: GT Gênero e Geração da Rede Ecovida e Movimento de Mulheres Camponesas; Amazônia: Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



1. Relacionando feminismo, agroecologia e o trabalho

A Agroecologia é um campo de conhecimento que articula e integra saberes populares e científicos, bem como aceita o desafio de produzir novos conhecimentos a partir desse encontro. Dessa forma é um novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. Esse campo, a partir de seus princípios e de suas experiências concretas, aponta a necessidade de construção de relações mais igualitárias e equitativas com o outro, seja este outro ambiente ou outro ser humano (ANA, 2008, p. 68).

A relação entre os seres humanos e destes com a sociedade em que vivem é marcada pela posição social na qual se identificam e são identificados. Os diversos sujeitos envolvidos nessas relações, na Agroecologia e na sociedade, são atravessados por variadas relações sociais, por exemplo: de classe, raça, gênero, sexualidade, dentre outras. Estas influenciam e podem em alguns momentos até serem determinantes em suas ações. Portanto, é importante para o desenvolvimento da Agroecologia perceber quais são as questões que se colocam, por exemplo, para mulheres, homens, jovens (ANA, 2008, p. 69).

Diferenças entre homens e mulheres são perceptíveis, sejam elas naturais ou culturais. Uma das questões sobre a qual se debruçaram feministas ao longo da história é se essas diferenças são causadoras das desigualdades nas relações de gênero. Em diversas culturas as mulheres, devido à função reprodutiva que cumprem para a espécie humana, estiveram ao longo da história culturalmente associadas ao espaço privado, no qual se encontra o âmbito doméstico, de reprodução da vida. A desigualdade, entretanto, ocorre a partir do momento em que os trabalhos são hierarquizados, ou seja, em que o trabalho reprodutivo é menos valorado do que o trabalho produtivo.



À luz da Economia Feminista⁴ podemos perceber o conjunto das tarefas realizadas em um agroecossistema como trabalho e categorizá-lo em reprodutivo e produtivo, sendo o trabalho reprodutivo aquele que tem como função a produção doméstica de bens e serviços somados a execução de tarefas de cuidado e/ou apoio a pessoas dependentes e o produtivo aquele que gera bens/produtos com finalidade comercial e econômica. (BORDERIAS & CARRASCO, 1994)

Em uma sociedade em que o capitalismo e o patriarcado estão intimamente entrelaçados há uma hierarquização dos trabalhos, na qual o produtivo, em geral de domínio masculino, tem valor mercantil, gera troca monetária e reconhecimento social. O trabalho feminino, neste âmbito, é percebido como ajuda, o que pode ser constatado, por exemplo, na jornada de trabalho de 21,7 horas semanais declarada pelas trabalhadoras rurais à PNAD⁵ 2006, enquanto os homens informaram trabalhar em média 39 horas por semana nas atividades agropecuárias (MELO & DI SABATTO, 2009, p.56).

Para analisar o trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres é preciso considerar que essas tarefas não são realizadas de forma apartada como os conceitos que usamos para melhor compreendê-las. Há uma produção conjunta, os trabalhos domésticos, de cuidados e produtivo são realizados em espaços e tempos próximos, muitas vezes os mesmos. Estes ainda guardam uma relação bastante íntima, evidenciada em situações econômicas de crise que geram restrições ou diminuição dos serviços públicos e cortes de custo nos setores privados que são compensados pela intensificação do trabalho das mulheres, em atividades mercantis ou domésticas.

2. Não é ajuda, é trabalho!

⁴ A economia feminista é um campo das ciências econômicas que compreende o estudo do pensamento econômico a partir da invisibilidade das mulheres no pensamento neoclássico e marxista, bem como a resignificação do trabalho de forma mais ampla, considerando o mercado informal, o trabalho doméstico, a divisão sexual do trabalho na família e fundamentalmente agregando a esfera reprodutiva como essencial à existência humana (NOBRE, 2002).

⁵ Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio.



Ao refletir sobre suas experiências, muitas mulheres perceberam que há uma enorme desvalorização do seu trabalho por parte dos maridos e também da própria comunidade, que enxergam as suas iniciativas de organizar-se em grupos produtivos como “*perda de tempo*” ou “*invenção de moda*” de quem “*não tem nada pra fazer*”. O grupo de mulheres ecologistas do Morro do Forno (RS), por exemplo, relata que “*no início os moradores da comunidade mandavam a gente ir dormir, já que não tínhamos outra coisa pra fazer*”.

Diversos depoimentos destacam a proibição por parte de alguns maridos como um fator importante de inibição da participação das mulheres em grupos produtivos e em espaços de auto organização.

Muitos maridos e companheiros não acreditavam que a experiência fosse dar certo, desestimularam muitas delas e, em outros casos mais extremos, muitos homens não deixavam as mulheres mais sair de casa para participar do grupo. (Grupo de mulheres da Agroindústria São José, no município de Porto Vera Cruz/RS)

No Rio Grande do Norte, o grupo de mulheres Decididas a Vencer do Assentamento Mulugunzinho em Mossoró, ao analisar sua trajetória identificou o machismo e a divisão sexual do trabalho como as principais barreiras que enfrentaram ao longo da experiência. Segundo as agricultoras, seus companheiros não compreendiam a lógica das reuniões e se recusavam a cuidar dos filhos quando elas se ausentavam de casa para ir aos encontros de mulheres.

As sistematizações também apontaram que assim como o trabalho das mulheres é invisível aos olhos dos homens e da sociedade, muitas vezes a renda obtida por elas também é desconsiderada e desvalorizada, uma vez que os recursos são destinados a suprir necessidades domésticas de roupas, calçados, material escolar para as crianças, e outras.

A renda monetária e não monetária proveniente do trabalho das mulheres muitas vezes não é reconhecida pela família, comunidade e até mesmo pelas políticas públicas⁶. Apesar de invisibilizada, esta economia precisa ser considerada

⁶Uma das situações que exemplificam essa invisibilidade para as políticas públicas é o cálculo efetuado pelos órgãos de extensão rural para fornecimento de DAP e seu enquadramento nas categorias que na maior parte das vezes desconsidera a renda não monetária advinda da produção para o auto consumo. As mulheres relataram tanto nas oficinas do Nordeste quanto do Sul encontrarem muitas dificuldades para obter junto ao Banco crédito via Pronaf, sobretudo quando a produção é voltada



ao se analisar agroecossistemas, pois no espaço doméstico muitos produtos são beneficiados, serviços indispensáveis para o bem estar da família e comunidade são diariamente realizados, muitas horas são trabalhadas e recursos da família estão ali investidos.

A gente tem que pensar assim: se eu for comprar o arroz de R\$ 2,20, por que eu não plantar e ter no período pra gente comer? Aí é uma coisa que a gente tenta resgatar e mostrar para as outras pessoas que é possível a gente ter, sem precisar comprar lá fora... Aumentou a renda, sabe por quê? Hoje, a gente não compra porque a gente planta. Outra coisa também é que melhorou a qualidade da alimentação, da saúde, porque o alimento é totalmente livre de agrotóxico. (Francisca Antônia Dantas de Souza, Choró, CE)

A invisibilidade do trabalho reprodutivo realizado pelas mulheres tem mais consequências além do não reconhecimento da renda gerada neste âmbito. Associada à hierarquização do trabalho produtivo sobre o reprodutivo, não ocorre uma divisão igualitária do trabalho doméstico e de cuidados. Tarefas como cuidado com idosos, educação e cuidado de crianças, lavar roupas, fazer comida, limpar a casa são realizadas quase com exclusividade pelas mulheres, sendo o homem, quando presente neste espaço percebido como ajudante e envolvido em tarefas mais “masculinas” como poda de árvores e arbustos, manutenção de carros, motos, ferramentas.

Esta sobrecarga tem consequências para a vida das mulheres, da comunidade e da sociedade em geral. Ao serem gastas mais horas na realização de trabalho, se comparadas aos homens, essas mulheres dispõem de menos tempo para investir em sua educação, lazer e participação social.

A imensa sobrecarga gerada pela ausência de divisão do trabalho doméstico, foi apontado pelo grupo de mulheres da Agroindústria São José, no município de Porto Vera Cruz (RS), como um dos principais fatores que levou o grupo inicialmente formado por 20 mulheres a reduzir-se a 4 integrantes.

para o auto consumo. Os gerentes alegam que não podem conceder crédito, pois as mesmas não teriam condições de pagar o empréstimo.

18°REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



No início das atividades, o grupo era formado por 20 mulheres entusiasmadas com a nova experiência de trabalho coletivo e geração de renda. Mas, ocorreu que muitas destas mulheres não tinham o apoio da família. (...) Este também foi um fato de desistência de algumas mulheres que não venciam trabalhar em casa e na agroindústria. (Grupo de mulheres da Agroindústria São José.

A sistematização, segundo avaliação das próprias mulheres, colaborou muito para que elas, ao refletirem sobre suas experiências, reconhecessem que sua contribuição para a agroecologia não se configura numa mera ajuda e que, portanto, precisa ser reconhecido e valorizado como trabalho e sua identidade como agricultora fortalecida.

Em várias situações, a sistematização possibilitou que as mulheres percebessem a importância da renda conseguida com a venda dos produtos das mulheres, como hortaliças, doces e artesanato. Esse processo evidenciou também as diversas situações de opressão vividas pelas mulheres, que relataram se sentirem mais fortalecidas ao identificar que outras também vivenciavam a mesma situação. A sistematização estimulou a reflexão sobre as dimensões da autonomia econômica e evidenciou a participação, cada vez maior, das mulheres em espaços que, muitas vezes, são atribuídos somente aos homens.

[...] hoje me sinto mais valorizada. Não tive muita dificuldade, mas mudou muito na divisão das tarefas de casa, na criação dos filhos, foi uma mudança e aprendizado muito grande. Antes, com meu pai, só a mulher ia para a cozinha. Com meu marido e filhos isso já mudou muito, todos ajudam. Considero que hoje sou mais respeitada, como também aprendi a respeitar. Didi, Montes Claros, MG

Decidir sobre sua própria vida, tomar parte em decisões que implicam na vida de todos (comunidade, sociedade) é uma questão de poder. Relações de gênero desiguais nas quais as mulheres são sujeitos oprimidos, como a que vivenciamos, as pequenas parcelas de poder ou os pequenos poderes que lhes tocam e que lhes permitem romper, em alguns momentos ou circunstâncias, a supremacia masculina, são poderes tremendamente desiguais. (COSTA, ANA ALICE, 1998, p.19)

A posição e condição social na qual as mulheres se reconhecem e são reconhecidas propicia que acumulem conhecimentos a partir de uma perspectiva de valorização e reprodução da vida sobre questões que se encontram no cerne do



desenvolvimento da Agroecologia, como a produção de alimentos saudáveis, o uso de agrotóxicos e suas consequências para a saúde e para o meio ambiente, transgênicos, perda de biodiversidade de cultivos crioulos e tradicionais, guarda de sementes crioulas e/ou tradicionais, relações de solidariedade, cuidados e outros.

Ao mesmo tempo em que reconhecer se faz importante, não assumir uma perspectiva essencialista sobre estes conhecimentos é imprescindível. As mulheres se tornam mulheres através de um processo de construção social de gênero tanto quanto homens se tornam homens. É necessário que outros sujeitos sejam capazes de exercitar e valorizar estes conhecimentos, pois são essenciais para a construção deste novo paradigma de desenvolvimento que é a Agroecologia.

3. “Produzir alimentos saudáveis também é construir libertação”: o trabalho na agroecologia e o empoderamento das mulheres

Produzir alimentos saudáveis também é construir libertação. A valorização do trabalho garante o auto-sustento e a continuidade na terra. Oportuniza à mulher se conhecer e ser reconhecida como trabalhadora, fazendo parte da história, no papel de protagonista, com oportunidade de, também, dirigir a cena. Lourdes Bordanese – Movimento de Mulheres Camponesas

Para as mulheres que se envolvem e se dedicam à construção da Agroecologia, o empoderamento e a autonomia são questões centrais. De acordo com Paulo Freire (VALOURA, 2005-2006, p.2-3), *“empoderamento pode ser visto como a noção freiriana da conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física ou de qualquer outra natureza”*.

Durante o processo de sistematização, assessoras, técnicas, facilitadoras e agricultoras refletiram sobre a seguinte questão: a Agroecologia tem sido capaz de criar e fortalecer processos de empoderamento e construção de autonomia para as mulheres? Não é uma questão simples. Consideradas as diversas perspectivas de desenvolvimento utilizadas e em uso para a construção e financiamento de projetos a questão do empoderamento é a perspectiva mais recentemente adotada.



Entretanto, no âmbito da militância feminista, considerados o acúmulo possível de cada momento histórico, esta sempre foi relevante e prioritária.

Com certeza, a Vanja hoje é mais feliz que no passado. No passado, era tímida, calada, bocó, era uma 'Maria vai com as outras', comia o que não gostava, fazia o que não queria. Hoje, não. Hoje eu tenho autonomia; não quero isso, não faço. Isso porque eu sou eu, e sei o que é bom e o que é ruim. Hoje eu sou mais autônoma nas minhas decisões e faço igual ao outro: hoje ninguém bota mais papa na minha boca, não. Vanja Maria dos Santos, Choró, CE.

Nelly Stromquist apud Ana Alice Costa (COSTA⁷) propõe que alguns parâmetros sejam considerados na análise sobre empoderamento: construção de uma auto-imagem e confiança positiva; desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente; a construção da coesão de grupo; a promoção da tomada de decisões; a ação.

Os roteiros⁸ utilizados nos processos de sistematização, construídos pelas próprias agricultoras a partir das visitas de intercâmbio, constituíram-se em bons instrumentos de reflexão sobre empoderamento, tendo abordado todos os parâmetros propostos por Nelly Stromquist.

Considerações finais

A questão do trabalho foi abordada em diversas experiências e esteve presente nos momentos de debates e reflexões coletivas, seja pela importância do trabalho das mulheres nos sistemas agroalimentares, para o avanço da perspectiva agroecológica e pela relevância do resultado desse trabalho para a segurança alimentar e nutricional das famílias, seja, por outro lado, pela invisibilidade do trabalho das mulheres, pela sobrecarga vivenciada por muitas ou pela ausência de divisão do trabalho doméstico com a família.

⁷ O texto Gênero poder e empoderamento das mulheres. Texto Inédito, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA foi cedido para uso na disciplina Diferenças e Desigualdades de Gênero da I Curso de Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Secretaria da Mulher de Pernambuco, UFPE, Secretaria da Mulher de Recife e Fundaj.

⁸ Os roteiros continham as seguintes dimensões: i) resgate histórico de suas trajetórias de vida e dos grupos dos quais participam; ii) participação em espaços públicos e decisórios; iii) geração de renda e autonomia financeira; iv) transformações ocorridas na vida das mulheres, tais como: relação com a família, divisão do trabalho doméstico, valorização do seu trabalho, conquista de direitos; iv) planejamento das atividades nos agroecossistemas.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas**



ANA (Articulação Nacional de Agroecologia). **Mulheres construindo a agroecologia**. Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro, 2008.

BORDERÍAS, C. & CARRASCO, C. **Las Mujeres y el Trabajo: aproximaciones históricas, sociológicas y econômicas** In: Borderías, Carrasco y Alemany (org). *Las Mujeres y el Trabajo: rupturas conceptuales*. Barcelona: Icaria-Suhem, 1994.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Superando a Revolução Verde: A transição agroecológica no estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. 2002.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e Sustentabilidade: Base conceptual para uma nova Extensão Rural**. 1998. Disponível em:

<<http://www.emater.tcche.br/site/br/arquivos/servicos/biblioteca/digital/agroeco090701.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

CARDOSO, Elisabeth Maria; SCHOTTZ, Vanessa. **Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil**. Revista Agriculturas, v.6, n.4. Dezembro de 2009.

COSTA, Ana Alice. **Gênero poder e empoderamento das mulheres**. Texto Inédito, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA. Coordenadora Executiva da REDOR, sem data.

COSTA, ANA ALICE. **As donas no poder. Mulher e política na Bahia**. Salvador: NEIM/Ufba e Assembléia Legislativa da Bahia. 1998 (Coleção Bahianas, vol.2)

FARIAS, Nalu. NOBRE, Mirian (org): **Economia Feminista**. São Paulo: SOF, 2002.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho**. 2007. Cad. Pesqui. vol.37 no.132 São Paulo set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

MELO, Hildete Pereira; DI SABBATO, Alberto. **Gênero e trabalho rural 1993/2006**. In: Di SABBATO, Alberto; MELO, Hildete Pereira; LOMBARDI, Maria Rosa; FARIA, Nalu. **Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009. 168p.

